

**SBAT**  
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE  
PARA FINS DE CENSURA DO TEX-  
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO  
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO  
REPRESENTANTE NO R. S. Nº 1

(NO PALCO APENAS UM BIOMBO AO FUNDO. TODOS OS OUTROS ELEMENTOS DO CENÁRIO SURGIRÃO COM O CORRER DO ESPETÁCULO)

LUZ GERAL. SILÊNCIO. PALCO VAZIO. VOZES SE APROXIMAM VINDAS DO FUNDO DA PLATÉIA. ATORES ENTRAM CANTANDO.

Andantes e caminhantes, vamos  
Por caminhos e estradas  
Por caminhos e estradas  
Contando causos e histórias  
Vividas e imaginadas  
Nosso horizonte é a esperança  
De encontrar na caminhada  
Gente feliz, sem mentira  
Medo, fome e ignorância.  
Para além eu canto o aqui  
E aqui eu canto o acolá  
Um canto da vida inteira  
Do aqui, do ali e do lá.

(MÚSICA CRESCENDO, ATORES TOMAM PLATÉIA. ALGUNS SE DIRIGEM DE IMEDIATO PARA O PALCO. CADA UM TRAZ UM INSTRUMENTO MUSICAL, QUE TOCA:

VIOLÃO, FLAUTA, BUMBO, PANDEIRO, TRIÂNGULO, ETC.)

TODOS SOBEM AO PALCO. DANÇAM.

LULA — Anita, Você está dançando errado.

ANITA — Eu não sei dançar, bobão. Mas sei representar.

LULA — Quem representa, é atriz (RI). E você não é atriz.

ANITA — Está certo. Acontece porém que mesmo não sendo artistas, nós representamos.

LULA — Não entendi.

ANITA — Quando a gente brinca de boneca, de carrinho, de médico; imita bichos, arremeda os outros...

LULA — E quando a gente conta mentira também?

ANITA — Quando a gente conta mentiras, ou conta histórias verdadeiras ou histórias inventadas...

CLEIR — (INTERROMPENDO). Nós viemos aqui para brincar e não para ficar falando, falando...

DUDU — (SENTADO A UM CANTO). Vamos brincar de quê?

ANITA — Podemos brincar de representar.

LULA — Não! Viemos aqui brincar de contar histórias.

ANITA — Mas eu quero representar. (FINGE CHORO).

LULA — Não! Viemos aqui brincar de contar história.

CLEIR — (E DUDU AO MESMO TEMPO). Porque vocês...

DUDU — (PARA CLEIR). Fale você.

CLEIR — (PARA DUDU). Fale você.

DUDU — (E CLEIR AO MESMO TEMPO). Porque vocês...

CAFÉ — Porque vocês não param de perder tempo com lorotas. Façamos o seguinte: Dois pontos: Vamos brincar contando histórias e representando.

LULA — Para representar é preciso inventar uma história.

DUDU — (AO MESMO TEMPO QUE CLEIR). Nós podemos... (RIEM)

DUDU — Nós...

CLEIR — Podemos...

DUDU — Inventar...

CLEIR — Representando.

(NESTE MOMENTO ENTRA CORRENDO A SAPECA DO GRUPO. LUCINHA, QUE VEM PUXANDO UM OUTRO RETARDATÁRIO, CATITO).

LUCINHA — Vamos s'imbora minha gente que hoje é dia de trabalho e de alegria. (PARA PLATÉIA). Meu nome é Lucinha, mas na história da história, podem me chamar de Glória. (VOLTA-SE PARA CATITO). Este aqui é o Catito, preguiçoso que só ele.

CATITO — Na hora eu invento o que vou ser.

CLEIR — Então, doravante serei Cléa.

LULA — Eu serei invisível. Podem me chamar de IRBE, o sombra.

CAFÉ — Eu quero ser o poeta da história. Vou enfrentar esse sombra com poesia e violão.

ANITA — Eu não mudarei meu nome. Continuarei me chamando Anita, do princípio ao fim da história.

DUDU — Eu faço qualquer papel nesta história, podem me chamar de (OLHA PARA A MÃO)... de Dêdo.)

LULA — Chega de conversa. Vamos a história.

ANITA — Eu começo. Vou contar uma história que minha vó costumava contar.

(ANITA SENTA-SE EM UM BANCO. OS OUTROS SENTAM-SE ESPALHADOS EM VOLTA).

ANITA — Era assim...

(LUZ CAI EM RESISTÊNCIA. NOITE. FOCO SOBRE ANITA. DE FORA SONS DE NOITE. QUE DEVEM SER FEITOS PELOS PRÓPRIOS ATORES. — NO FUNDO AO ALTO APARECEM UMA LUA E UMA ESTRELA).

ANITA — Diz a Lenda, que para além do horizonte, do outro lado das Montanhas, existe um troféu muito raro, que lá está há milhões de anos. Que, segundo alguns, surgiu com o próprio homem: É a Pedra Negra. Quem encontrar a Pedra Negra, será o mais rico, mas não terá ouro...

CATITO — Vejam só, rico sem ouro! (RI)

ANITA — ... Mas para alcançar a Pedra Negra, terá de superar muitos

obstáculos. Dizem, que as pessoas que lá tentam chegar são devorados pela escuridão. Monstros e feras guardam a Pedra Negra, e os espíritos da noite perdem as pessoas em labirintos...

(LULA SAI DE MANSINHO)

CLEA — Essa história é muito velha, já foi contada outras vezes.

ANITA — (SONHADORA). Eu gostaria tanto de ir em busca da Pedra Negra.

CATITO — Só você mesma! Querer ser rica, sem ouro!

DUDU — Porque ninguém ainda procurou a Pedra Negra?

LUCINHA — Ora Dudu... (PENSA) muitos gostariam de procurar, mas poucos encontrariam.

ANITA — (DECIDIDA). Gente, pelo menos nessa história, vou procurar a Pedra Negra.

(OUVE-SE TAMBORES E PASSOS. SOBRE O TELÃO AO FUNDO PROJETA-SE UMA SOMBRA EM SILHUETA. FALA EM GRANDE VOZ)

(Nota: TODA VEZ QUE IRBE APARECE, ANTECEDE À SUA IMAGEM O RUFAR DE TAMBORES E RUÍDOS DE MUITOS PASSOS).

IRBE — Aqui fala o IRBE. A partir de hoje, todos me devem obediência. Sou o novo Senhor, Amo e Governo de vocês. Aquele que desobedecer, sofrerá o castigo da Lei.

(TODOS ESTÃO ATÔNITOS. PARALISADOS)

IRBE — Lei n.º 1 — Fica proibido que se contem histórias.

Lei n.º 2 — Fica proibido conversar sob as árvores à sombra.

Lei n.º 3 — Fica proibido contar lendas e histórias bobas.

Agora, todos ao trabalho! Bando de vagabundos. Não quero saber de conversas, histórias, andanças e brincadeiras no trabalho. Ao trabalho! (TODOS FOGEM CORRENDO. IRBE SAI DA TELA).

(POETA VOLTA CANTANDO. AOS POUCOS OS OUTROS VÃO ENTRANDO E CANTANDO JUNTO COM O POETA).

POETA — Um dia ele chegou  
Sem o vento  
Sem a lua, sem amigos  
E sem amor  
Trazendo para todos  
Apenas tristeza  
Trabalho, sofrimento e dor.

TODOS — E o povo, que era alegre  
Fez da tristeza rotina

No trabalho sem prazer  
Nasceu a revolta  
Cresceu no peito  
No corpo  
Marcado pelos espinhos  
Refletidos nos olhos secos.  
Que se encherão de lágrimas  
No dia que o vento voltar  
Então todos dançarão  
E a dança do homem novo  
A alegria e o trabalho  
Serão par de todo dia.

ANITA — Afinal quem é esse Irbe?

CATITO — Eu também gostaria de saber.

POETA — Ele não tem corpo como os homens

Não tem pernas

Nem olhos, nem boca

Tampouco tem coração.

É apenas uma sombra que fala e causa medo.

CLEA — Com que direito ele se nomeou nosso amo, senhor e governo?  
Com que direito ele nos dá ordem?

ANITA — Dizem que ele veio de longe. Chegou de madrugada e tomou conta de nossa terra.

GLÓRIA — O que quer esse tal de sombra? Ele precisa saber que nós não precisamos de ninguém para nos dar ordens. Sempre resolvemos nossos problemas sozinhos.

DEDO — Porque você não diz isso a ele?

GLÓRIA — Se ele me aparecer na frente, em carne e osso, direi mesmo.

DEDO — Quem sabe, as coisas não vão melhorar!?

ANITA — Você parece estar do lado dele.

DEDO — Não tenho nada contra ele. Vocês falam demais. Ele pede apenas mais trabalho e mais disciplina. E vocês falam demais e trabalham de menos. Parecem até o Poeta.

CATITO — (JÁ SENTANDO A UM CANTO). É isso mesmo. Eu nunca vi o poeta trabalhando no duro.

GLÓRIA — Claro que o poeta trabalha. Cada um trabalha de uma forma.

POETA — Claro. Da mesma forma que vocês trabalham  
com os pés ou com as mãos  
construindo casas ou livros;  
plantando arroz ou construindo carros.  
Meu trabalho é a poesia  
criada com cabeça e mãos  
Trago nas mãos a viola  
No peito o coração  
Na cabeça conhecimento e idéia  
E na boca...

DEDO — (GOZANDO). E na boca um montão de dentes, pra comer e falar mal.



POETA — Claro que sem carne, feijão e pão não há poeta ou carpinteiro que consiga rir, trabalhar e divertir-se.

CATITO — (MEDROSO). Acho bom a gente voltar ao trabalho.

(TODOS COMEÇAM A TRABALHAR. CADA UM SIMULA O EXERCÍCIO DE UMA PROFISSÃO). (CANTAM).

LAVRADOR — Sou Lavrador,  
Aro e cultivo a terra.  
Plantar é o meu trabalho.  
Arroz, trigo, milho e feijão  
planto no inverno e colho no verão.

CARPINTEIRO — Fazer portas e janelas  
Mesa, cadeira e sofá  
Sempre foi de meu ofício  
Desde que o mundo é mundo  
Sou carpinteiro  
Bato prego, tiro prego  
Serro prá cá e prá lá.

MOTORISTA — Bipbipbip! Bipbipbip! Vroouumm!  
Lá vou eu pelas estradas  
Sentado atrás de um guidão  
Sou motorista  
Dirijo

ESTUDANTE — Automóvel, trator, caminhão.  
Não trabalho na lavoura  
Não sou motorista  
Nem carpinteiro ou poeta  
Contudo,  
Sou estudante  
E numa escola  
Me preparo para um dia  
Ser também lavrador, engenheiro ou poeta.

VENDEDOR — Vendo remédio  
Vendo roupa  
Carro e televisão  
Vendo feijão e cobertor  
Vendo até sal e mamão.

POETA — Eu sou poeta  
E não nego  
Falo com o coração  
Junto palavras em versos  
Torno ruído canção.  
Minha ferramenta é a viola  
Pensamento e emoção.

(NESTE MOMENTO TODOS DANÇAM EM CÍRCULO SIMULANDO O EXERCÍCIO DE SUA PROFISSÃO).

TODOS — (CANTAM ENQUANTO DANÇAM)

O lavrador planta e colhe  
O arroz que a gente come  
Mas pra descansar se senta  
No banco do carpinteiro  
O motorista transporta  
Lavrador e carpinteiro  
Quem estuda ou faz poesia.

POETA — E quem se diverte também.

TODOS — O estudante  
Aprende  
Conhecendo e pesquisando  
O que o homem precisa ou tem.  
O poeta cria versos  
Cria versos que enternecem  
Lembra fatos que entristecem  
Mas também traz alegrias  
Nos versos e na poesia  
Do samba-música-canção.

VENDEDOR — E eu vendo tudo aquilo  
Que o homem planta ou fabrica.



RUFAR DE TAMBORES. PASSOS. CORTE RÁPIDO DE LUZ. PROJEÇÃO DE SILHUETA. TODOS PARAM ESTÁTICOS.

IRBE — (GRANDE VOZ). Não quero ver ninguém dançando ou cantando. É hora de trabalho! Se vocês insistirem proibirei que cantem e dancem. Outra coisa, todas as festas estão proibidas!

MULHER — Mas moço...

IRBE — Moço não! Me chame de senhor!

LAVRADOR — Senhor, o canto ajuda a gente a trabalhar.

IRBE — E dançar, ajuda? Não quero canto nem dança na hora do trabalho. Ao trabalho!

(IRBE SAI)

CARPINTEIRO — Eu só queria saber com que direito ele nos dá ordens.

VENDEDOR — Porque não pergunta a ele?

LAVRADOR — Você parece aliado do sombra.

VENDEDOR — Não chame o Senhor IRBE de Sombra. Se ele sabe você está frito.

VOLTAM AO TRABALHO. SILÊNCIO. LUZ CAI EM RESISTÊNCIA. PERMANECE NO AR O SOM DA VIOLA DO POETA DEDILHADA. NOITE. TODOS SAEM.

ANITA ENTRA TRISTE. SENTA-SE AO PÉ DE UMA ÁRVORE. PENSA EM VOZ ALTA, AO MESMO TEMPO COMO SE CANTASSE E FALASSE. A VIOLA DO POETA PERMANECE. E ACOMPANHA.

ANITA — Cada minuto que passa eu me pergunto:  
 Porque?!  
 Se o querer é poder  
 O que fizemos da herança  
 Liberdade  
 Liberdade de ir e vir  
 Trabalhar, sorrir, cantar?  
 (PAUSA)  
 Mas se a esperança não morre  
 como o sol no anoitecer  
 meu desejo deixará de ser sonho  
 e se fará realidade.  
 É preciso conhecer a verdade do presente.  
 Eu pressinto que se encontra onde nasce o sol e a lua  
 para além do horizonte.

(A NOITE INVADE TUDO; ANITA SOBRESSALTA-SE COM OS PASSOS E RUFAR DE TAMBORES).

(COM A APROXIMAÇÃO DO IRBE, LUA E ESTRELA, QUE APARECERAM POUCO ANTES, SE ESCONDEM).

IRBE — Anita! Estou sabendo dos seus desejos e intenções.

ANITA — Que desejos?

IRBE — Não precisa esconder a verdade. É sabido que você deseja conhecer a verdade no mundo para além horizonte... ao norte.

ANITA — (TOMA CORAGEM). Sim! Farei tudo para isso.

IRBE — Ninguém dessa terra deve passar a fronteira do horizonte do norte.

ANITA — Mas isso não pode ser...

IRBE — Pode sim. Nem para norte, nem para este, nem para oeste. Pronto.

ANITA — Mas por quê?

IRBE — Ora, porquê... porquê!... Porque do outro lado do horizonte vivem os homens antropófagos, que comem gente como nós. Têm exércitos de monstros alados, que lançam chamas a grandes distâncias. As florestas tem cobras e leões gigantes. Além dos Duendes que montam armadilhas para os estranhos. Os além-horizonte são terríveis!

ANITA — O Senhor já esteve lá?

IRBE — (SURPRESO). Não! Os que tentaram ir não mais voltaram.

ANITA — Mas, se os que foram nunca voltaram como o senhor sabe de tudo isso...!?

IRBE — Não importa como eu sei. Importa que é perigoso e você não pode ir.

ANITA — É preciso então que alguém vá e descubra o mistério.

IRBE — (ZANGADO COM A INSISTÊNCIA). Você está proibida de ir.

ANITA — Mas não há Lei que me proíba de ir.

IRBE — Então eu criarei essa Lei.

CORTE DE LUZ. FOCO SOBRE ARAUTO. QUE ENTRA.

ARAUTO — (LENDO) A partir da presente data fica proibido:  
 1.º) Transpor os limites do horizonte sem autorização do IRBE.  
 2.º) Fica proibido: pensar, falar ou querer transpor os limites das montanhas, no horizonte, para norte, para leste ou para oeste sob pena de castigo.  
 3.º) Fica instituído o dia Nacional da Alegria; A Grande festa do "UM".

O IRBE, convida todo o povo destas terras para esta grande festa. Será o dia em que todos devem cantar, dançar e sorrir.

Todos são por esta Lei obrigados a comparecer à Festa.

(CORTA LUZ DO ARAUTO. ESTE SAI AO MESMO TEMPO QUE O IRBE).

(ARAUTO SAI REPETINDO, ATÉ QUE SUA VOZ SE PERDE NA DISTÂNCIA. REPETINDO-SE EM ECO):

(ANITA FICA SÓ. SENTA-SE SOB UMA ÁRVORE).

ANITA — (LAMENTA) TANTA COISA PRA FAZER. Lugares pra onde ir. Para aprender e descobrir dentro da gente o sonho. Refazer e construir. Como é triste ser escravo e dependente de outro homem, que veio do não sei onde para impor sua vontade.  
 (CHORA). Preciso e quero ir em busca da Pedra Negra. Quero conhecer o desconhecido. Eu quero... Mas como... A Lei do IRBE diz que não posso ir. A Lenda diz que são muitos os perigos...

(NESTE MOMENTO A NOITE CAI SOBRE A CIDADE. A NOITE — TORNA PERSONAGEM ANIMADO — SE DIRIGE A ANITA).

NOITE — Não fique triste menina. Para tudo há solução.

(ANITA SOBRESSALTA-SE)

ANITA — (COM MEDO). Quem... quem foi que falou.

ÁRVORE — Foi a Noite, Anita.

ANITA — Uma árvore que fala e anda! (PENSA EM FUGIR).

NOITE — Não tenha medo.

ANITA — (TREMENDO). Não! Não! Não estou com medo. É que nunca soube que árvore andasse e que noite falasse.

(DO ALTO SURGE UMA ESTRELA).

ESTRELA — Fala Noite, fala Árvore, fala Lua e fala Estrela. É só saber ouvi-las.

ESTRELA — Porque tanta tristeza?

ANITA — Eu quero ir para além montanhas, em busca da Pedra Negra.

ÁRVORE — Ah! A Lenda diz que, quem encontrar a Pedra Negra, ganhará a sabedoria e poderá desvendar todos os mistérios e segredos do mundo.

NOITE — Porque você quer encontrar a Pedra Negra?

ANITA — Para conhecer o desconhecido e poder ajudar a libertar meu povo do IRBE.

NOITE — Pois então, ajudaremos você.

ESTRELA — Vai que eu guiarei seu caminho.

ÁRVORE — Eu lhe darei uma senha para você se comunicar com minhas irmãs do além-horizonte.

NOITE — Eu lhe ensinarei os mistérios.

ANITA — Obrigado. Mas eu tenho medo. Dizem que há perigos e obstáculos.

NOITE — Há também uma pessoa que pode ajudar. (CHAMA) Lua! Lua! Lua!

LUA — (APARECE VAGAROSAMENTE. SONOLENTA. BOCEJA). Aargh! argh! Noite, ainda é muito cedo. Vou dormir mais um pouco.

NOITE — Agora que já levantou você pode nos ajudar.

LUA — Ajudar em quê?

ESTRELA — Você pode iluminar os caminhos pra que ela vença os obstáculos e o medo.

LUA — (DE REPENTE DESPERTA E DISPOSTA). Eu gosto de clarear a noite e iluminar caminhos.

NOITE — Mas eu gosto que você me ilumine todos os dias.

LUA — (IMPLICANDO). Porque você é ranzinza.

ANITA — Não precisam discutir por causa disso. (PAUSA) Antes preciso falar com meus amigos e arranjar um jeito de cumprir a Lei.

NOITE — Vá Anita. Resolva tudo e parta logo em viagem para além.

ÁRVORE — Enquanto isso nós vamos passar a noite...

NOITE — Passar a noite a ferro?! (TODOS RIEM)

ESTRELA — Talvez fique melhor: Passar o tempo. Não é noite?

ÁRVORE — Pois é. Nós vamos passar o tempo planejando como vamos lhe ajudar em segredo.

ANITA — Boa noite pra vocês.

NOITE — Eu sou boa?! (RISOS)

ANITA — Até logo.

NOITE — (PARA ANITA QUE SE AFASTA) Quando precisar é só chamar. Quando o sol estiver prestes a se deitar todos os dias.

CORTE. TEMPO DIA.

(TODOS TÊM MEDO. AO FUNDO OUVI-SE A VIOLA DO POETA)

(NO CAMPO, LAVRADOR E SUA MULHER TRABALHAM PLANTANDO E COLHENDO)

LAVRADOR — Estou cansado de tanto trabalho e nenhuma alegria.

MULHER — Mas vamos poder cantar e dançar na festa que o IRBE vai dar; a grande festa do "UM".

LAVRADOR — Uma vez só no ano. E assim mesmo obrigados.

MULHER — É, não vai ser a mesma coisa que cantar com vontade. Não vai haver alegria. (PAUSA) E os impostos cada dia mais caros.

LAVRADOR — É a Lei.

CORTE. AINDA DIA.

TODOS TÊM MEDO. A VIOLA DO POETA VAI CRESCENDO. ELE PASSA E SOME.

CENA — PONTO DE ÔNIBUS. ESTUDANTE E VENDEDOR.

ESTUDANTE — Como demora esse ônibus!

VENDEDOR — Pois não é!? Tenho hora marcada com um cliente. Não posso me atrasar.

ESTUDANTE — Também não posso me atrasar.

VENDEDOR — Mas você não trabalha.

ESTUDANTE — (IRRITA-SE) O trabalho é tão importante quanto o estudo.

VENDEDOR — Eu não quis lhe ofender. Mas sem trabalho não se tem dinheiro para comprar coisas e pagar os impostos do IRBE.

ESTUDANTE — Ora, quem estuda também paga impostos, e quando acaba os estudos também trabalha para comprar coisas e continuar pagando impostos. Estudantes não deviam pagar impostos. Cada dia aparece uma Lei nova. É Lei proibindo! É Lei criando impostos.

VENDEDOR — Você reclama de tudo.

ESTUDANTE — E não é para reclamar!? Eu queria viajar para além-horizonte.

VENDEDOR — Para quê?

ESTUDANTE — Para pesquisar e aprender novas coisas. Mas com essa Lei não posso ir. É só estudar, estudar. Até cantar e dançar está proibido. Eu gosto tanto de cantar e dançar.

VENDEDOR — Para mim certas Leis são boas. Se as pessoas só trabalham, produzem mais; se não podem viajar, comprem mais aqui mesmo. E eu... vendo mais e ganho mais.

ESTUDANTE — Eu queria tanto conhecer outras terras (PAUSA) (SONHADORA) Eu gosto tanto de dançar e cantar!

VENDEDOR — Aproveita a festa do IRBE, a grande festa do "UM". Você poderá dançar e cantar à vontade.

ESTUDANTE — Só um dia no ano não serve. Além do mais eu não gosto de nada obrigado.

(VEM O ÔNIBUS. ENTRAM NO ÔNIBUS)

VENDEDOR — Mas a festa é Lei e você é obrigada a ir. E também dançar e cantar.

CORTE. AINDA DIA.

CENA — FESTA DO "UM".

(AS PESSOAS VÃO ENTRANDO TRISTES E CABISBAIXAS. COLOCAM CORDÕES EMBANDEIRADOS PARA A FESTA — COMO ENFETES DE FESTA DE SÃO JOÃO)

(CADA UM TOMA UM INSTRUMENTO — COMO NO INÍCIO — TOCAM, CANTAM E DANÇAM EM CÍRCULO UMA COREOGRAFIA SIMPLES COMO DE UMA DANÇA POPULAR)

TODOS — Hoje é dia  
 Hoje é o dia  
 Que nos concedeu senhor Irbe  
 Pra cantar, sorrir e dançar.  
 A alegria deste dia  
 Deve nos fazer calar  
 Para em todos os outros  
 Apenas trabalhar e trabalhar  
 Hoje é dia  
 Da grande festa popular  
 Hoje é dia  
 Hoje é dia

(ANITA CHEGA ATRASADA. COLOCA-SE NA RODA AO LADO DO POETA)

ANITA — Poeta, encontrei uma saída. Agora eu posso ir para além-horizonte. (ALEGRE). Vou conhecer o desconhecido.

POETA — Não sei se você vai conseguir. Mas acho que deve ir. Sua vontade seja a sua verdade.

(OS OUTROS VÃO PARANDO DE DANÇAR E CANTAR AOS POU-COS) (APENAS DOIS DELES NÃO PARAM — UM POR MEDO OUTRO POR CONVICÇÃO)

CARPINTEIRO — (PARA POETA E ANITA). Acho que Anita tem o direito de ir para onde quiser. Mas não sei se é o momento.

LAVRADOR — Não vá Anita, é muito perigoso.

CARPINTEIRO — Não pelos perigos que estou falando. Nós precisamos ficar unidos e descobrir o caminho. A verdade está aqui mesmo.

VENDEDOR — (PARA DE CANTAR. CONVICTO). Não contem comigo para nada. Ela precisa, nós precisamos obedecer as ordens do senhor IRBE.

MOTORISTA — Obedecer, obedecer. Ele não tem o direito de proibir-nos de viajar, falar e pensar.

VENDEDOR — Ele está zelando pela nossa saúde e bem-estar.

CARPINTEIRO — A sua pode ser. (PAUSA) (PARA TODOS). Nós estamos tristes, cansados e infelizes. Precisamos lutar. Precisamos descobrir sua verdadeira face, para vencê-lo.

POETA — Enquanto Anita vai buscar o segredo lá fora, começaremos a luta aqui. (PAUSA). Como dizia o poeta...

CARPINTEIRO — É preciso que a poesia não fique só no papel, poeta.

POETA — A poesia é coisa viva, tem alma, corpo e coração.

ANITA — (PARA CARPINTEIRO). Os poetas têm idéias que podem mudar o mundo.

POETA — É isso mesmo Anita.

CARPINTEIRO — Mas é preciso tornar pensamento e emoção em ação.

ANITA — Gente, eu vou. Irei para descobrir o que há de verdadeiro do outro lado do horizonte. Medo tenho, mas é preciso descobrir e conhecer, o conhecido e o desconhecido.

LAVRADOR — Vá. Seja esta a sua missão. Vá e descubra se possível o que possa nos ajudar a conhecer a verdadeira face do IRBE e como vencê-lo.

VENDEDOR — Eu vou embora. Isto aqui está ficando perigoso. Não quero me envolver em confusão com o senhor IRBE.

POETA — Vá, mas não seja traidor.

VENDEDOR — (PARA O POETA). Língua de trapo! Você vai se dar mal.

POETA — (PARA ANITA). Faça o que lhe diz o peito, a vontade e a coragem.

(NESTE MOMENTO OUVEM-SE PASSOS E TAMBORES. A TELA SE ILUMINA).

IRBE — (GRANDE VOZ). Dou oportunidade a vocês de se divertirem ficarem felizes, cantarem e dançarem, e vocês ficam fazendo fofoca, tramando contra mim. Pois muito bem! Todos ao trabalho. (AS PESSOAS VÃO SAINDO)

ANITA — Senhor IRBE.

IRBE — O que é desta vez?

ANITA — Procurei um Juiz, conforme havia lhe falado.

IRBE — E daí?

ANITA — Ele diz que posso ir.

IRBE — Como?!

ANITA — Eu posso ir para o Sul e, de lá, para onde quiser.

IRBE — Mas a Lei é clara.

ANITA — A Lei só diz que eu não posso cruzar as fronteiras do horizonte norte, este e oeste... Portanto não entra o sul.

IRBE — Maldição! Esqueci de cercar pelos quatro lados.

(POETA COMEÇA DEDILHAR SUA VIOLA)

IRBE — (FURIOSO). Pare com esses ruídos. (PARA ANITA).

IRBE — Você é perigosa. Preciso tomar mais cuidado com vocês. Estão todos contra mim. Se descobrir qualquer conspiração mando prender todo mundo.

ANITA — Ficaria sem ninguém para servi-lo.

IRBE — Não é isso que interessa agora. (PAUSA). Pois bem! Pode ir. Porém lembre-se. Quem desobedece minhas ordens nunca terá o perdão.

POETA — (QUE OUVIA À PARTE) É preciso senhor Irbe  
Que lembre o que decidiu  
A justiça desta terra.  
Se o juiz considerou  
Legítima sua intenção  
É de direito que vá.

IRBE — Não interessa! Daqui para diante, EU SEREI A JUSTIÇA. E vou começar agora.

Você poeta está proibido daqui para diante, e durante muitos anos, de cantar em lugar público; de pensar e falar mal de quem quer que seja.

POETA — Eu não falo mal. Digo a verdade.

IRBE — Que verdade que nada!

Além do mais não importa se é verdade ou não (RI) (PARA ANITA). Vai Anita. Seu caminho será coalhado de obstáculos. (GARGALHADA). Medo... monstros alados, cobras, leões e perigos. (SAI RINDO).

CORTE. LUZ. ANITA SOZINHA PREPARA-SE PARA INICIAR CAMINHADA. OUVI-SE VOZES. DISTANTES.

VOZ 1 — Anita, sua vontade seja sua verdade.

2 — Preste bem atenção ao caminho. A mentira criará muitos perigos.

3 — Para além do horizonte, há saudades, dor e medo.

(ELA COMEÇA A CAMINHADA)

VOZ 4 — (MAIS LONGE). O que parece amigo pode ser inimigo.

5 — Observe bem. Nem tudo que parece é.

6 — O que parecer inimigo pode ser amigo.

VOZ ÁRVORE — Fale com minhas parentes de lá. Não esqueça a senha.

ESTRELA — (APARECENDO NO ALTO). Estarei te guiando.

LUA — (TAMBÉM APARECENDO). Iluminarei o caminho.

(LUZ SOBE UM POUCO EM RESISTÊNCIA. ANITA CONTINUA CAMINHANDO)

OUVE UM ASSOBIO. PÁRA. À SUA FRENTE SURGE "BARBALAIU" PERSONAGEM MISTO DE BUFÃO E DOMADOR. ELA SE ASSUSTA.)

(AT — ESTE PERSONAGEM USA MÁSCARA. OU, TALVEZ MAQUILAGEM/CARACTERIZAÇÃO FORTE COMO A DE UM PALHAÇO. PARA NÃO ASSUSTAR OS MAIS PEQUENINOS).

BARBA — Não precisa se assustar. Meu nome é Barbalaiu. Sou do que conheço e de quem conheço.

ANITA — Mas você não me conhece.

BARBA — Conheço sim! A-N-I-T-A. Você não me conhece mas eu conheço você. Você vai para além-horizonte, não é isso?! Pois eu também vou para lá. Podemos nos fazer companhia?!

ANITA — Você também conseguiu a carta do Juiz?

BARBA — O quê?

ANITA — A carta, para poder viajar.

BARBA — Se você tem, façamos de conta que eu também tenho.

ANITA — Você é quem sabe (PAUSA). Como é mesmo seu nome?

BARBA — Bar-ba-laiu.

SAEM

(A SEQÜÊNCIA QUE SEGUE DEVE SER VISTA COMO UM JOGO DE IMAGINAÇÃO/UM FAZ-DE-CONTA ONDE OS ELEMENTOS REAIS E IMAGINÁRIOS DEVEM SE ALTERNAR, OS PERSONAGENS ATRAVESAM RIOS, SOBEM MONTANHAS, SALTAM PRECIPÍCIOS, ENFRENTAM COBRAS, MONSTROS E LEÕES).

(O ÚNICO ELEMENTO DE CENÁRIO A APARECER PODE SER A FLORESTA).

ANITA — (CAMINHANDO). Por que você usa máscara?

BARBA — (EMBARAÇADO). Bem... é... bem... é para enfrentar os duendes das florestas.

ANITA — Existem duendes?

BARBA — Se existe!? Um montão deles.

(MUDANÇA DE LUZ)

ANITA — Estamos viajando há muitos sois.

BARBA — Atravessamos a fronteira do horizonte do nosso mundo e nada ainda aconteceu.

ANITA — As vezes sinto como se houvesse um perigo muito perto de mim.

BARBA — Eu não sinto nada. (PAUSA). Veja! Uma cadeia de montanhas.

ANITA — Estou cansada. (ATIRA-SE AO CHÃO). Não vou subir esta montanha.

BARBA — Então vamos voltar. Estas são as montanhas do norte. Toda essa região é montanhosa.

ANITA — Voltar, não! Vamos.

(BARBALAIU ASSOBIAM OU CANTAROLA UMA MELODIA. FINGE NÃO ESTAR CANSADO).

BARBA AJUDA ANITA SUBIR. CHEGAM AO TOPO.

ANITA — Ufa! Pensei que não chegaria nunca! (OLHA EM VOLTA). Veja Barba.

BARBA — Barba, não! Barbalaiu!

ANITA — Chegamos num planalto (OLHA PARA A PLATÉIA). Lá embaixo, veja! Está tudo pequenininho. (BARBA OLHA TAMBÉM). Aqui é tudo plano. Vamos poder andar mais depressa. Mas antes eu gostaria de dormir.

BARBA — Pode dormir que eu vou dar uma espiada para ver se há algum perigo por perto.

(ANITA FICA SOZINHA. PREPARA-SE PARA DORMIR)

ANITA — Aqui, tudo começa a ficar diferente; O ar, a vegetação, as árvores... acho que os pássaros também devem ser diferentes. (OLHA PARA TODOS OS LADOS COM MEDO). Ai! Aqui é tão diferente da cidade. A floresta às vezes dá medo. (PAUSA. COMEÇA TREMER). Eu não posso ficar com medo. Eu quero encontrar a Pedra Negra.

(NESTE MOMENTO APARECE UM TIGRE NA OUTRA EXTREMIDADE) (ANITA TENTA SE ESCONDER, NÃO HÁ TEMPO. PEGA RÁPIDO UM PANO-TOALHA OU LENÇOL — SE FAZ COMO SE FOSSE. O TOUREIRO ENFRENTANDO UM TOURO NUMA PLAZA; ENFRENTA O TIGRE. AO FIM DE UM TEMPO O TIGRE CHOCA-SE DE CABEÇA COM UMA ÁRVORE. E FOGE DERROTADO) (ANITA LARGA O PANO E FICA ESTÁTICA TREMENDO).

ANITA — Ai! até que enfim foi embora. Será que vai voltar?

BARBA — (VOLTANDO). Nada! (PASSA A MÃO NA CABEÇA) caminho livre.

ANITA — (TREMENDO). Por pouco... por... pouco... ele não me engole.

BARBA — Ele quem?

ANITA — O tigre.

BARBA — Um tigre? Como, onde, não pode ser. Exatamente na hora que eu saí.

ANITA — Agora já passou. Vamos continuar. Não quero mais dormir.

(CAMINHADA. PASSAGEM DE LUZ)

BARBA — Vejo Anita! Um Rio!

ANITA — Vamos atravessá-lo.

BARBA — Eu não sei nadar. (FINGINDO)

ANITA — Como vamos fazer então?

BARBA — Vá você sozinha, eu fico.

ANITA — Não! Nós estamos juntos. Não deixarei você sozinho. Vamos pensar.

BARBA — Nós poderíamos construir um barco.

ANITA — Com que ferramenta?

BARBA — É, não temos ferramentas. (PAUSA). Está difícil. Eu não sei nadar e não podemos construir um barco.

(SILÊNCIO)

ANITA — Já sei! A senha.

BARBA — Senha?

ANITA — (DISFARÇA). Não é nada. É uma brincadeira pra ver se surge uma idéia. (VAI A UM CANTO E SUSSURRA). "Árvores desta floresta parentes das árvores de lá, me ajudem a ter uma idéia".

(IMEDIATAMENTE OUVI-SE AO LONGE O SOM DE UMA ÁRVORE CAINDO)

(A FLORESTA ESTREMECE)

BARBA — Você parece uma bruxa, fazendo bruxarias.

ANITA — Tive uma idéia. Vamos pegar um tronco de árvore, atiramos ao Rio, você sobe em cima e eu vou nadando e empurrando.

BARBA — É, eu não tinha pensado nisso.

(FINGEM ROLAR UM TRONCO E JOGÁ-LO NUM RIO TAMBÉM IMAGINÁRIO. ATRAVESSAM)

BARBA — Puxa! Você tem cada idéia.

ANITA — Vamos. Não podemos perder tempo.

(CAMINHAM EM SILÊNCIO)

BARBA — Cuidado!

ANITA — Ai! Por pouco não caio no precipício.

BARBA — Será que dá para atravessar pro outro lado?

ANITA — Vamos tentar.

BARBA — Vamos tomar distância.

ANITA — Vamos lá.

(TOMAM DISTÂNCIA)

AMBOS — Um, dois, três, já! (SALTAM)

(DO OUTRO LADO OLHAM PARA O FUNDO DO PRECIPÍCIO QUE ACABAM DE SALTAR;)

ANITA — Ufa! Dá até um friozinho na espinha só de olhar para baixo.

BARBA — A floresta, cada vez mais fechada. Está ficando escuro.

(FINGE MEDO). Vamos parar e deixar o sol nascer. Senão vamos nos perder.

ANITA — A noite é amiga.

BARBA — A noite dá medo.

ANITA — Eu também achava, agora não sinto mais medo da noite.

BARBA — Veja! uma estrela!

ANITA — (MISTERIOSA). Vamos segui-la. Assim não nos perderemos (SILÊNCIO)

(DE DENTRO DA FLORESTA OUVI-SE UMA VOZ. AMBOS PARAM ESTÁTICOS)

ANITA — Que foi?

BARBA — Não sei. (ESCLAM) (ESCUTAM)

VOZ — Urr Pac. Brec... Brec... Brec... Came... Came... Brecbrec... (RUÍDO DE VENTO NAS ÁRVORES. GRILOS. SAPOS COAXAM. RUÍDOS DIVERSOS. GALHOS QUEBRANDO. VOZ SE APROXIMANDO)

ANITA — Está vindo para cá.

BARBA — Deve ser um duende.

ANITA — Pode ser a caipora ou sacy.

(AMBOS TREMEM)

BARBA — É tudo a mesma coisa.

(A VOZ SE APROXIMA MAIS)

ANITA — E se for o monstro de muitas cabeças? Vamos ser engolidos. E eu ainda não encontrei a Pedra-Negra.

BARBA — Deixe de falar nesta tal pedra.

(ANITA LEMBRA-SE DA HISTÓRIA DA MÁSCARA)

ANITA — E sua máscara? Mostre sua máscara para ele. Quem sabe ele foge.

BARBA — Eu menti pra você. Esta máscara não assusta ninguém.

(A VOZ ESTÁ BEM PRÓXIMA. OS DOIS SE AGARRAM. TREMENDO E ESCONDENDO O ROSTO)

ANITA — A LUA! Se ao menos tivesse lua.

(A LUA SURGE NO ALTO. LUZ SOBE. VÊ-SE ENTÃO O DONO DA VOZ SOBRE UM GALHO DE ÁRVORE)

ANITA — (OLHA ATRAVÉS OS DEDOS SOBRE O OMBRO DE BARBA) Veja! (COMEÇA A RIR) Veja! O nosso monstro. (BARBA SE VIRA VAGAROSAMENTE)

AMBOS — (RINDO E AO MESMO TEMPO) Um papagaio!

ANITA — Nosso monstro é um papagaio.

BARBA — Vou pegar esse daíado pra ele não assustar mais ninguém.

(QUANDO CORRE PARA O PAPAGAIO ESTE VOA E DESAPARECE NA FLORESTA).

BARBA — Depois desse susto acho bom a gente dormir.

ANITA — Está bem. (BOCEJA) Estou cansada e com muito sono.

ARRUMAM SUAS COISAS E DEITAM-SE;

ANITA — Será que não há perigo por perto?

BARBA — Depois desse susto não acredito mais em fantasmas.

ANITA ADORMECE. BARBA TIRA ALGUMA COISA DA MOXILA E SAI;

POUCO DEPOIS SURGE UMA GIGANTESCA COBRA;

ANITA ACORDA E LUTA COM A COBRA; VENCE; A COBRA MURCHA FICANDO SÓ "PELE" DANDO IMPRESSÃO QUE ALGUÉM SAI DE DENTRO DELA;

ANITA — (GRITA) Barba! Barba!

BARBA — (VOLTA CORRENDO) Que foi que houve?

ANITA — Veja! (MOSTRA A COBRA)

BARBA — Eu estava do outro lado tentando dormir. Ouvi um ruído e fui ver o que era. Acho bom a gente voltar daqui.

ANITA — (SE APROXIMA, PÁRA, OLHA A COBRA DE PERTO) Veja. (PEGANDO O "COURO") Isso não é uma cobra de verdade, é um disfarce.

BARBA — São eles, são os além-horizontes que já perceberam nossa presença. (FINGINDO COMEÇA A TREMER) Eles comem gente. Vão nos colocar num panelão com sal e pimenta.

ANITA — Não acredito. Eles talvez estejam apenas querendo se defender. Se quisessem nos matar, teriam colocado uma cobra de verdade, ou nos aprisionado.

BARBA — Eu não acredito nisso.

ANITA — Espere! Se essa cobra é falsa, então o tigre que enfrentamos devia ser falso também, devia ser de mentirinha! (PAUSA) Alguma coisa anda errada por aqui. Estou desconfiada que tem carne nesse angu.

BARBA — Eu vou voltar daqui. Vou embora.

ANITA — Não, você vai ficar. Precisamos descobrir o que está acontecendo por aqui.

BARBA — ESSA HISTÓRIA está ficando quente demais pro meu gosto.

SAI CORRENDO.

ANITA — Barba, volte aqui! Barba!...

(NESTE MOMENTO OUVI-SE SOM DE PÉS BATENDO NO CHÃO)

COMO EM UMA DANÇA) (DE FORA BARBA FALA QUASE CHORANDO)

BARBA — Por favor, não me ponham na panela. Faço tudo que vocês quiserem, mas não me ponham na panela.

(PASSOS SE APROXIMAM)

ANITA — Que será que está acontecendo? (ANITA TENTA SE ESCONDER) Quem vem lá?

(OS ALÉM HORIZONTE ENTRAM EM CENA TRAZENDO BARBA CARREGADO)

BARBA — Por favor, não me ponham na panela.

(ANITA AGACHADA A UM CANTO)

ANITA — Soltem-no seus antropófagos.

(É UM CASAL JOVEM. ELES NÃO SÃO EM NADA DIFERENTES DE BARBA E ANITA. APENAS NUNCA FICAM "PARADOS". DANÇAM O TEMPO TODO. ELES PÕEM BARBA NO CHÃO MAS CONTINUAM SEGURANDO SEUS BRAÇOS).

HOMEM — Meu nome é Bharthu.

MULHER — O meu é Luany. Não tenha medo. Somos mais amigos que o seu amigo.

ANITA — (TEMEROSA A UM CANTO) Olha gente, viemos à terra de vocês mas não somos inimigos não. Eu e meu amigo.

LUANY — Amigo?! Um amigo que deixa o outro no meio da floresta quando sente que há perigo, não é amigo, é inimigo.

BARTHU — De onde vocês vêm?

BARBA — (SE DESVENCILHANDO DOS DOIS) Não interessa a vocês.

LUANY — (PARA BARTHU) Eles devem ser de Além-horizonte.

ANITA — Além-horizonte são vocês. Nós somos de Antes do Horizonte, antes das montanhas.

LUANY — Acontece que para a gente vocês são Além-horizonte.

BARBA — Anita, você não deve conversar com desconhecidos.

LUANY — E como então fará amigos, e conhecerá novas terras?

ANITA — Barba, eles não parecem ser, o que dizem deles na nossa terra.

BARBA — Com gente que não conheço, não quero conversa.

BARTHU — Se seu amigo não gosta de desconhecidos, porque anda por terras desconhecidas?

ANITA — Ele é assim mesmo. (CONFIANDO NOS DESCONHECIDOS, SAI DA DEFENSIVA) Meu nome é Anita. O dele é Barbalaiú...

BARBA — Não gosto de quem não conheço. Não gosto que dêem meu nome a gente que não gosto.

ANITA — Deixa de ser chato, Barba. Eles estão na terra deles, e nos rece-

bem bem. Você é mal agradecido. (PARA OS DOIS) Desculpem. (PAUSA. SILÊNCIO) Vocês sabem onde está a Pedra Negra?

(OS DOIS SE ENTREOLHAM — BARTHU E LUANY) (FICAM NA DEFENSIVA UNS COM RECEIO DOS OUTROS)

LUANY — Ora, na terra de vocês, no Além-horizonte.

ANITA — Nós estamos no além-horizonte.

BARTHU — Há alguma coisa de estranho na história de vocês. Vocês procuram a Pedra Negra na nossa terra e a Lenda diz que ela está no Além-horizonte, na terra de vocês.

ANITA — A Lenda diz que é aqui, na terra de vocês.

BARTHU — Se estivesse aqui, não estaríamos agora viajando para conhecer a Pedra Negra, no Além-horizonte, na terra e vocês.

BARBA — Está vendo. São inimigos. Iam invadir nossa terra.

ANITA — Então nós é que somos inimigos. Nós invadimos a terra deles.

LUANY — (INTRIGADA) Vocês vieram BUSCAR a Pedra Negra?

ANITA — Por quê?!

LUANY — A Pedra Negra não pode pertencer a ninguém. Ela é de todos

LUANY — É direito de todos. Não podemos pegá-la, ou tomá-la. Podemos conhecê-la e senti-la.

ANITA — Engraçado, né?! A gente para cá e vocês para lá.

LUANY — Nós estávamos quase perto das montanhas quando encontramos uma espécie de couro de mentirinha.

BARTHU — Imaginamos que alguém estivesse em penitência pela floresta, e tivesse perdido...

LUANY — Então seguimos as pegadas e vocês, e encontramos outra.

(BARBA TENTA FUGIR. ANITA PRESSENTE E AGARRA-O)

ANITA — Como são esses couros?

(LUANY SAI E VOLTA COM A PELE (DISFARCE) DO TIGRE E DA COBRA)

LUANY — Aqui está.

ANITA — Então não foram vocês?! Para nos assustar?!

BARTHU — Claro que não. Essas coisas são sagradas para as pessoas da religião. E nós respeitamos a religião deles. Eles usam couro de mentirinha para se penitenciarem dos pecados, na floresta. E quando perdem esses couros eles ficam perdidos.

ANITA — Se não foram vocês... será que é o que estou pensando?

LUANY — Será a mesma coisa que eu pensei? Na religião Simbalê os mentirosos e traidores usam máscaras, como ele está usando. (APONTA BARBA)

BARBA — Não me olhem assim. Eu não fiz nada.

BARTHU — Os simbalês dizem também que todos os mentirosos e traidores têm medo de serem cozidos em caldeirão. Por isso há um castigo...

BARBA — Não, por favor!... Não me ponham no caldeirão. Por favor. Por favor (SE MOVIMENTA AJOELHADO ENTRE OS TRÊS)

BARBA — Prometam que não vão me por no caldeirão.

LUANY — (RÍNDO) Só se você contar tudo direitinho.

BARBA — Eu conto, eu conto. (SE O ATOR ESTIVER USANDO MAQUILAGEM COMEÇA A RETIRAR AQUI) O Sr. Irbe, não queria que ela chegasse na terra de vocês..

ANITA — IRBE?

LUANY e BARTHU — IRBE?!!!

BARBA — Então ele me mandou para impedir (PARA ANITA) que você alcançasse a terra deles.

ANITA — Vocês conhecem o IRBE?

BARTHU — (QUASE AO MESMO TEMPO DA FALA DE ANITA) O Irbe está na terra de vocês?

LUANY — Nós conhecemos esse Irbe muito bem. Conhecemos todas as manhas dele.

BARTHU — Vocês vieram buscar a Pedra aqui, mas como a Pedra está lá...

ANITA — Está aqui.

LUANY — Barthu, lembra de uma coisa da Lenda?! A Lenda diz que a Pedra, também, está no desconhecido.

BARTHU — Depois resolvemos a discussão da Lenda, agora voltemos ao IRBE. Como ia dizendo... Como a Pedra está lá, você (PARA ANITA) pode aproveitar para conhecer nosso povo, nossos costumes, nossos hábitos, nossa música e nossa dança

ANITA — E eu... OLHA PARA BARBA) E nós falaremos de nossa terra.

LUANY — Então lhe contaremos tudo o que sabemos sobre o IRBE.

(NESTE MOMENTO BARBA ACABA DE TIRAR A MAQUILAGEM, OU, TIRA A MÁSCARA).

ANITA — (ESPANTADA) Mas... você é o vendedor que falou comigo! Você é DEDO, o vendedor.

BARTHU — Vamos levá-lo conosco, para tomar umas aulas, e aprender que não se deve dedurar nem vender os outros, gente como ele.

(VÃO SAINDO)

LUANY — (CANTANDO) O IRBE, por onde passa assume várias formas. Ele é da terra de vocês, mas na realidade ele viveu muito tempo e estudou nas terras que ficam bem lá para o sul. De lá veio para cá. Aqui chegando ele nos transformou em escravos. Então...

(VOZ SOME)

CORTE. LUZ CAI. FLORESTA DESAPARECE. CENÁRIO MUDA.

ENQUANTO ISSO NA TERRA DE ANITA...

## CENA

POETA ENTRA TOCANDO UMA MÚSICA EM SUA VIOLA DO OUTRO LADO SURGE CARPINTEIRO.

CARPINTEIRO — E então poeta, descobriu alguma coisa?

POETA — Procurei com o motorista por todos os lados.

CARPINTEIRO — E então?!

POETA — Duas coisas ficamos sabendo: Que ele está sozinho e que não se esconde dentro da cidade.

CARPINTEIRO — (PENSA) Ah! Ele deve estar escondido em alguma caverna ou esconderijo, na floresta.

POETA — O motorista foi pra floresta, com o lavrador, tentar descobrir o esconderijo dele.

CARPINTEIRO — Você notou que o IRBE...

POETA — Quando encontrarmos o esconderijo dele o que faremos?

CARPINTEIRO — Temos que pensar um plano.

POETA — (PENSANDO ALTO) Ele fala, sente raiva, anda... então deve ser como a gente...

CARPINTEIRO — É isso, poeta! Se ele é como a gente, para se transformar no sombra deve usar alguma máquina.

POETA — Ora, porque não pensamos nisso antes!? Quando vamos pagar os impostos, colocamos o dinheiro naquela máquina esquisita... então ele deve usar máquina para tudo.

CARPINTEIRO — Para aparecer como sombra, ele deve usar uma máquina parecida com uma câmera de televisão.

POETA — Precisamos pensar numa idéia de como agarrá-lo.

(ENTRAM CORRENDO MOTORISTA E LAVRADOR)

MOTORISTA — (OFEGANTE) Poeta! Carpinteiro! Descobrimos.

LAVRADOR — Dentro de uma caverna, escondida na floresta.

MOTORISTA — Só descobrimos porque lembrei que quando criança, brincando, tinha ido lá por acaso.

CARPINTEIRO — E então?! Que vocês fizeram?

LAVRADOR — Ficamos escondidos um tempo. Então ele saiu com uma toalha na mão.

POETA — Deve ter ido tomar banho no lago.

MOTORISTA — Quando ele saiu nós entramos.

LAVRADOR — Lá dentro, tudo cheio de máquinas.

MOTORISTA — Então aproveitamos, já que estávamos lá, quebramos todas as máquinas.

POETA — Isso me dá uma idéia!

OS OUTROS — Que idéia?! (EXPECTATIVA)

POETA — Gente, se as máquinas foram quebradas ele não vai poder mais nos ameaçar.

MOTORISTA — Você quer dizer que então ele vai embora?!

POETA — Não! Ele vai pensar que ainda estamos com medo. Descobrimo que foi tudo destruído ele vai querer apanhar o dinheiro dos impostos que foram depositados durante a semana...

CARPINTEIRO — Então podemos agarrá-lo.

POETA — (PARA SI) Agora entendo porque a máquina de impostos ficava na saída da cidade, e porque nos proibiu de andar a noite.

MOTORISTA — Porque não trazemos a máquina para cá?

LAVRADOR — É isso mesmo. Ele vai querer pegar o dinheiro de qualquer jeito. Então nós o prendemos.

POETA — (PARA MOTORISTA) Eu vou com você buscar a máquina. Vocês dois ficam planejando o resto. (SAEM)

(CORTE LUZ. PASSAGEM. NOITE)

OS DOIS VOLTAM COM A MÁQUINA. COLOCAM-NA NUM PONTO QUALQUER.

CARPINTEIRO — Agora vamos nos esconder todos.

POETA — É preciso fazer muito silêncio. Se dermos o espirro vai tudo por água a baixo.

(TODOS SE ESCONDEM) (NESTE MOMENTO CHEGA DE VOLTA ANITA, TRAZENDO DEDO A TIRACOLO)

ANITA — (GRITANDO) Pessoal! Acordem todos. Descobri.

OS QUATRO — (AINDA ESCONDIDOS) Psiu!

ELA OLHA PARA TODOS OS LADOS PROCURANDO.

ANITA — (FALANDO UM POUCO MAIS BAIXO) Sou eu, Anita. Descobri tudo. Agora podemos...

(CARPINTEIRO E MOTORISTA SAEM DE SEUS ESCONDERIJS E ARRASTAM OS DOIS)

ANITA — (Já escondida) Deixem eu contar pra vocês...

CARPINTEIRO — Agora não pode...

POETA — (DO OUTRO LADO) Silêncio!

SILÊNCIO. RUÍDO DE NOITE. SAPOS E GRILOS.

(IRBE, REPRESENTADO POR LULA ENTRA SORRATEIRO.

OLHA PARA OS LADOS. SE APROXIMA DA MÁQUINA. QUANDO INTRODUZ A CHAVE...)

POETA — (GRITANDO) A ele pessoal!

TODOS AVANÇAM. PRENDEM O IRBE NUMA RODA

CARPINTEIRO — Eis aí o GRANDE IRBE!

ANITA — Nós conseguimos! (PARA) Quer dizer, vocês conseguiram.

DEDO — (PARA IRBE) Por sua causa quase que eles me põem no panelão para cozinhar.

ANITA — Deixe de ser mentiroso Dedo.

IRBE — (PARA DEDO) E você... um... um bobão que não sabe cumprir ordens, e... nem fazer medo a ninguém.

LAVRADOR — Que fazemos com ele?

TODOS — Expulsa! Expulsa!

LAVRADOR — (ABRE A RODA) Você está expulso.

(IRBE SAI CORRENDO PELA PLATÉIA. TODOS RIEM)

LULA PÁRA E SE VOLTA

LULA — Perai! Vocês não podem me expulsar assim. Se o Irbe for expulso eu fico fora da brincadeira.

LUCINHA — (ESQUENTADA) Qual é a tua, Lula? Cortou a brincadeira!

CATITO — (SENTANDO-SE) Foi bom, eu já estava cansado.

CAFÉ — (PARA A PLATÉIA) Bem pessoal, infelizmente o Lula acabou com a nossa história.

ANITA — Mas Café, e o fim?

CAFÉ — Este é o fim.

ANITA — Ah! Assim eu não vou poder contar como o povo de além-horizonte se livrou do IRBE, como é que eles falam, como comem, como cantam, como dançam...

CAFÉ — Fica para outra vez. Enquanto isso, ficaremos imaginando como eles comem, cantam, dançam e etc. Não é pessoal?

TODOS — (DESCONSOLADOS) É.

CAFÉ — Acabou a nossa história.

TODOS — (EXCETO POETA) Entrou pela do pinto, saiu pela do pato.

CAFÉ — Quem quiser que conte quatro.

(CADA UM TOMA SEU INSTRUMENTO. ATORES COMEÇAM A CANTAR NO PALCO. POUCO A POUCO VÃO DESCENDO PARA PLATÉIA).

Terminou a brincadeira  
Vamos nós daqui pra lá  
Representar outra história  
Vivida ou imaginada  
Em qualquer outro lugar;



Com vocês fique a esperança  
Que com a gente segue sempre  
De encontrar pela estrada  
Gente feliz  
Sem mentira.

Mas se o canto do vento  
Trouxer som de medo e vento  
Não fique só na esperança  
Trabalhe,  
Sonhe, mas decida:  
Seja arauto da verdade:

